

## O PENSAMENTO DE ALBERTO SEABRA

Geraldo Pinto RODRIGUES

Alberto Seabra foi, antes de tudo, "uma poderosa organização mental" - acentuou alhures René Thiollier, ao suceder-lhe na Academia Paulista de Letras.

Por apenas alguns tópicos respigados em suas obras - lembrou, por seu turno, a escritora Maria de Lourdes Teixeira, que ocupou na Academia, a cadeira nº 12, que por primeiro pertenceu a Seabra - "depreendemos à evidência que era ele dotado de acentuado espírito público, de uma cosmovisão realista, de extrema solidariedade humana, e daí angustiar-se ante os problemas sociais de seu tempo".

De fato, foram muitos os temas e problemas que o angustiarão e que mereceram dele, mais do que um exame atento, um apaixonado entusiasmo, um desdobrar-se permanente em busca de soluções e alvitres que lhe parecessem os mais corretos.

### À guisa de reminiscência

Alberto de Mello Seabra nasceu na cidade bem paulista de Tatuí, a 5 de fevereiro de 1872, e faleceu em São Paulo, aos 62 anos de idade, a 11 de agosto de 1934. Cinco anos depois de sua morte, eu, garoto ainda, fui morar na casa de sua viúva e minha tia-avó, dona Zulmira Lebre Seabra, filha dos Condes de São Joaquim, de que sou bisneto, e que deram nome a duas ruas conhecidas de São Paulo, no bairro da Liberdade.

De minha estada de um ano na casa do grande médico paulista, guardo ainda, além de algumas lembranças de família, a recordação de minha perplexidade por sua bem montada e aparatosa biblioteca, num cômodo da residência que dava quase de frente para

a igreja de N. S. do Carmo, na rua Martiniano de Carvalho. Não sei se, então, era já conservada por inteiro (talvez não a fosse), mas nas luzidias lombadas dos volumes caprichosamente encadernados, lembro que alguns títulos de obras de medicina, de filosofia, de literatura e de ciências sociais faziam-me enrolar a língua, no esforço da leitura tatibitate. Quedava-me na curiosidade apenas de menino, sem nenhum desfrute do que me era posto ante os olhos. Só mais tarde, muito mais tarde, soube que ali havia algumas preciosidades bibliográficas - obras em português e, principalmente, em francês - que eram de fazer inveja a muitos bibliófilos. Como também só muitos anos depois vim a tomar consciência da figura notável e por muitos títulos exemplar de Alberto Seabra - o médico, o higienista, o pensador, o humanista, o paladino da justiça e da liberdade.

### O médico e o filantropo

Quem dele conheceu, como eu desde criança, por ser livro de cabeceira na casa de minha avó Julieta, sua cunhada, o guia **Higiene e Tratamento Homeopático das Doenças Domésticas**, sabia-o pioneiro na seara de Hahnemann no Brasil, fundador que fora do Laboratório Paulista de Homeopatia e divulgador incansável dos ensinamentos do mestre alemão. Tendo antes se notabilizado como médico do antigo Hospício do Juqueri (hoje Hospital Franco da Rocha) e da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, além de ter sido um dos iniciadores do Instituto Pasteur, ao lado de Arnaldo Vieira de Carvalho, Bittencourt Rodrigues, Ignacio Cochrane e outros, Alberto Seabra acabou por se dedicar por completo à medicina homeopática, ao mesmo tempo que se voltou para as cogitações espirituais, filosóficas e sociais.

No desempenho de suas funções de médico de psicopatas, escreveu numerosos artigos sobre psiquiatria e psicologia patológica, insertos na "Revista Médica" e em "O Estado de S. Paulo". No "Correio Paulistano", por outro lado, alimentou acesa e inteligente polêmica com os famosos médicos Luiz Pereira Barreto e Rubião Meira, após a sua conversão à doutrina hahnemanniana e a publicação, em 1909, de **A Verdade em Medicina**. Era, então, vice-presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, cargo que, coerentemente, teve logo o cuidado de depor nas mãos de seus colegas.

Além de uma série de obras sobre os temas de sua especialidade médica, inclusive algumas campanhas memoráveis contra o alcoolismo, a sífilis e a tuberculose, no campo das Humanidades deixou também Seabra alguns livros que-lhe granjearam reputação e o levaram a ocupar, na Academia Paulista de Letras, a cadeira que tem por patrono o senador Paulo Egydio de Oliveira Carvalho. Aliás, como sócio-fundador da Academia, foi Alberto Seabra o orador oficial da solenidade de sua instalação, em 1909, quando defendeu a composição do sodalício repartida entre homens de letras e de ciências, justificando o seu lema de combate: *Pro litteris scientiisque laboramus*.

E tudo isso em meio a uma faina filantrópica que honra sobremaneira o seu nome, no atendimento diuturno e zeloso de centenas e centenas de doentes pobres, os quais ele assistia inclusive materialmente.

### "É um prazer lê-lo"

Espírito inquieto e perscrutador, Seabra multiplicou a sua atividade intelectual por diversos ramos do saber humano. Foi tanto um pesquisador metódico e paciente, quanto um expositor e escritor regrado e elegante, a ponto de merecer de Medeiros e Albuquerque, então crítico literário de nomeada, a observação de que "o Dr. Alberto Seabra escreve muito bem, com grande clareza, é um prazer lê-lo". Realmente o é. Tem garra e destreza. Sobriedade e calor. Inteligência e grande poder de expressão.

Das obras que publicou, as que não pertencem ao domínio da medicina, podem ser classificadas nos campos dos estudos sócio-econômicos e da perquirição dos fenômenos psíquicos. Neste, citam-se, dentre outros, estes livros mais conhecidos: *O Problema do Além e do Destino*, *Fenômenos Psíquicos*, *Animais que Pensam*, *A Alma e o Subconsciente*. Ao falecer, escrevia um exaustivo trabalho sobre a Bíblia e Jesus, de que alguns capítulos teriam ficado concluídos. Onde se guardariam?

Do mesmo modo que foi dos primeiros a estudar no Brasil a doutrina de Freud, assim como a de Hahnemann, Alberto Seabra também foi pioneiro da ciência de Augusto Comte em nossa terra.

Constituiu-se num dos mais notáveis discípulos do Curso de Sociologia mantido nesta capital, em 1903, pelo senador Paulo Egydio, a quem substituiu após a morte deste. Do estudo e do convívio com os temas sociais, produziu trabalhos notáveis, alguns até hoje esparsos na forma de cursos e conferências, outros reunidos em volumes de apreciáveis méritos. E em razão de suas posições sempre colocadas com altivez e desassombro, não poucas vezes teve de enfrentar contendas e ataques, a que reagia com modéstia e serenidade, pois sabia que, "a valer a pena de revidarmos num pleito de vaidades, com certeza passaríamos de réus a autores". Atitude de equilíbrio e moderação que aprendera na leitura dos filósofos morais e dos espiritualistas que embasaram a sua formação cultural e humanística.

### A América e o Brasil

Os problemas do Brasil e da América, tanto quanto os do Mundo e os do Espírito, despertaram-lhe frequentemente a atenção, daí resultando dois livros significativos: *Ensaio Pan-Americanos e Problemas Sul-Americanos*. Neles, Seabra faz profissão de fé pacifista, sustenta os princípios da justiça internacional, defende a reforma social, a união dos povos, o livre câmbio e a reforma tributária, assentado sobretudo nas idéias de Novicow e Henry George, seus mestres. Prega a União Continental ou União Ibero-Americana, a que deveriam aderir também a Espanha e Portugal.

Pacifista, entende que "a humanidade é um organismo solidário e que não há mal feito a um só povo que não ofenda aos outros, que interesse bem entendido e justiça são a mesma coisa". E proclama: "Quando os gênios políticos compreenderem o interesse real e não o interesse aparente de sua pátria, os Estados desarmar-se-ão".

Americanista, quer a América Latina livre de barreiras alfandegárias, associada na forma de uma federação, para se complementar e melhor se impor ao mundo. "Que prestígio político, - escreve ele - que aumento de crédito, de ordem, de segurança não irradiaremos pelo mundo com a Confederação dos Povos Ibero-Americanos." Um sonho? Talvez. Mas não temos assistido hoje em dia a tantos esforços para obviar a cooperação latino-americana, inclusive com a criação de organismos como a CEPAL, a ALALC e outros?

Em verdade, no fulcro do pensamento e das aspirações de Alberto Seabra estava "o aperfeiçoamento do indivíduo, como base de reforma social". Porque todo homem - como diz ele nos seus **Problemas Sul-Americanos** - é uma grandeza moral pela sua simples condição de homem". E para a realização de tão alevantado objetivo, via na Liberdade o pressuposto das ações tendentes a melhorar o Homem. E tanto advogava liberdade e a da comunhão de interesses, quanto a liberdade de pensamento "essencial progresso das sociedades humanas". "Livre discussão, imprensa livre, tribuna livre" - enfatizava Seabra - pois, "carentes de semelhante segurança, as sociedades se imobilizam e até retrogradam; sofrem toda sorte de opressões e estão sujeitas às maiores surpresas revolucionárias".

### "Os Versos Áureos de Pitágoras"

Das obras de pensamento filosófico de Alberto Seabra, hoje raras, conservo desveladamente uma, datada de 1917 e publicada pela Seção de Obras de "**O Estado**". Pertenceu à biblioteca de um seu sobrinho, Joaquim Lebre Pinto - o tio Maninho - e de quem herdei alguns volumes vários. Trata-se de **Os Versos Áureos de Pitágoras** (Pythagoras, como então se escrevia), reprodução de uma série de conferências feitas pelo ilustre médico na Universidade de São Paulo (de que foi ele também um dos fundadores), "simples comentários, mostrando o ensino esotérico" do filósofo grego. Conta Alberto Seabra que tais versos áureos, verdadeiramente, não são de Pitágoras, e sim de Lisis, seu discípulo, "o qual prestou inestimável serviço à posteridade, salvando assim do esquecimento a doutrina esotérica do mestre". Vários autores os comentaram - diz ele ainda - destacando-se principalmente Hierocles, entre os gregos, e, entre os modernos, Fabre d'Olivet, que os traduziu para o francês. Áureos se denominam porque "os antigos prezavam o símbolo e simbolizavam no Ouro o que é incorruptível, o que é verdadeiramente belo, o que é imortal". Neles se esboça "todo o edifício da Ciência antiga", o Esoterismo, no entender de Seabra, que se contrapõe ao "saber contingente, exotérico", e cuja fonte é a "tradição milenária", que assimilamos pela intuição, e cujo objetivo é a espiritualização do Ser pelo desenvolvimento de suas forças latentes, de suas virtudes transcendentess".

Idéias e ensinamentos morais, sobretudo, eis o que encerram os **Versos Áureos**. E ao elucidá-los, Alberto Seabra dá a exata

medida de seu pensamento, da dimensão de sua moralidade e de sua nítida consciência da dignidade humana. Este, para mim, o aspecto mais significativo e mais nobre de seus entusiásticos comentários, de que ressalto duas passagens às pags. 12/13 e 36/37, acerca da tolerância e da liberdade. "Não julguemos ter o monopólio da verdade" - adverte-nos ele. E aduz: "Importa adquirir o hábito da reflexão e do exame, o que é raro". (...) "A tolerância é a virtude do homem que aprende constantemente, que se habitua à reflexão e ao exame, à crítica sincera de suas próprias idéias e opiniões, porque sabe o que há de instável nos juzos que formula, o que há de fragmentário nas verdades que alcançou".

E a Liberdade, o que é? É o "exercício da vontade". Antideterminista, Seabra acreditava na "ação do homem sobre si mesmo". No domínio principal da vontade" via a chave para a realização do "largo horizonte da auto-educação", isto é, "ter império sobre nós mesmos, governo pessoal, autonomia individual", dessa forma podendo cada um de nós organizar a vida superiormente.

Eis aqui, nestas linhas modestas e mal traçadas, meu tributo ex corde ao grande paulista, malgrado a divergência - e não foi ele próprio um apóstolo da tolerância? - de crença religiosa e a suspeição pela afinidade do parentesco.